entrevista



sete questões capitais a propósito da segregação

CLARICE GATTO* ENTREVISTA EMIR SADER* *

ESTE TRABALHO foi inicialmente preparado para ser publicado em dezembro de 2000. Naquela ocasião, premidos pelo tempo, a Internet foi a via possível de realizá-lo. Preparei, então, sete perguntas e as enviei a Emir Sader, que as "resolveu" — como me disse — entre Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires. Daí uma descontinuidade, vocês notarão, mas a densidade implacável das respostas nos revela que, apesar das facetas insidiosas do *discurso do capitalista* no mundo contemporâneo, o sonho e o desejo são indestrutíveis: "UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL E NECESSÁRIO".

Eu só conheço uma única origem da fraternidade — eu falo a humana, sempre o húmus — é a segregação.

LACAN. *O avesso da psicanálise*, 1970.

É benquisto alguém que desminta o fragmento de realidade *(*Stück Wirklichkeit*) por trás de tudo isso: que o ser falante não é nem afável nem um ser necessitado de amor, no máximo quando agredido poderia se defender; no entanto, para que ele tenha* talentos pulsionais *(*Triebbegabungen*) também é preciso contar com uma poderosa cota de agressividade. Em conseqüência, o próximo não só é um possível ajudante e objeto sexual para ele, mas também uma tentação para satisfazer-lhe sua agressividade, aproveitando-se de sua energia sem indenização, para dele se servir sexualmente sem seu consentimento, para se erguer pela posse de seus bens, para humilhá-lo, lhe causar dor, torturá-lo e para matá-lo.* Homo homini lupus.[1] *quem teria a coragem para contestar esta proposição depois de toda experiência de vida e da* história *(*Geschichte*)?*

FREUD. *O mal-estar na cultura*, 1930.

* Clarice Gatto é psicanalista e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, Rio de Janeiro). Membro da *Associação Fóruns do Campo Lacaniano.*

** Emir Sader é filósofo, professor de Sociologia, coordenador do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, escritor e editor da Revista de Estudos Marxistas *Praga.*

[1] "Der Mensch ist des Menschen Wolf" (O homem é o lobo do homem), nach Plautus, *Asinaria* II, 4, 88. Nota no original em Freud. Das Unbehagen in der Kultur. *Studienausgabe*, p.240.

1. Clarice Gatto — A segregação talvez seja a mais imperiosa forma da violência. A segregação racial e a religiosa estão nas pautas dos jornais, dos movimentos sociais, das instituições partidárias e de trabalho (onde também incluo as instituições de psicanálise). Indignamo-nos com a segregação, labutamos contra ela e, apesar de dizermos "qualquer maneira de amor vale a pena", é justamente aí onde surpreendemos nossas segregaçõezinhas, nossos desafetos, nossas arengas, nossos pequenos narcisismos — públicos e/ou privados —, nossas discordâncias, disputas, quereres, desenganos, ciúmes... ou coisa que o valha... As leis que instituem as proibições e os deveres em uma Comunidade social são diversas das Leis que cada um arbitra para viver em sociedade, gerando o famigerado mal-estar na cultura. A psicanálise, desde Freud, nos ensina que a segregação está na raiz da estrutura real que nos constitui como "irmãos".[2] Lacan — no final dos anos 60, quando fervilhava na França a crítica ao modo capitalista de produção e à alienação imperativa do consumo do "vamos, escolha!" — chegou a dizer: "Eu só conheço uma única origem da fraternidade — eu falo a humana, sempre o *húmus* — é a segregação".[3]

Qual a principal contribuição que cem anos de Psicanálise traz a esse século que ora se encerra?

Emir Sader — Quando teoricamente triunfa a democracia liberal — aquela que afirma a igualdade de todos diante da lei — no mundo, é quando mais se alastra a segregação. Significa que essa afirmação jurídica supõe, ela mesma, a segregação? Supõe que a origem da fraternidade — de que a igualdade seria irmã gêmea — seria a segregação, como diz Lacan?

A igualdade legal dos desiguais certamente está na base dessa hipocrisia — mencionada na dualidade das leis. Como exigir de uma família pobre que cumpra a determinação legal de fazer com que seu filho assista à escola, se o trabalho é parte integrante essencial do orçamento de sobrevivência da família? Não se cumpre, mas não se muda a lei, como se, nesse momento, a igualdade fosse um componente essencial dos seres humanos, como direito natural. Em outro momento, reina a "oportunidade" da luta de todos contra todos, no mercado, que reside na base do liberalismo e de sua concepção da individualidade.

A psicanálise ajuda a desmontar, nos indivíduos e no imaginário coletivo, tantas farsas, que se tornou um instrumento essencial para o projeto de desalienação anunciado pelo marxismo e pelas denúncias das falácias de igualdade da

[2] Freud. Totem und Tabu e Das Unbehagen in der Kultur. In: Freud. *Studienausgabe*, 1994.

[3] Lacan. *L'envers de la psychanalyse*, p.132.

sociedade mais desigual da história da humanidade. Quando um autor como Samuel Huntington[4] classifica a humanidade em uma escala que vai da civilização — brancos, ocidentais, anglo-saxões, protestantes — à barbárie — fundamentalismo islâmico — está baixando a censura da civilização ocidental e revelando o que se esconde por detrás do igualitarismo liberal. Iguais — desde que brancos, ocidentais, anglo-saxões, protestantes —, em uma visão similar à catequização jesuítica em relação a seres intermediários entre a humanidade e a animalidade, que possuíam meia alma.

[4] HUNTINGTON. *O choque de civilizações*, 1997

Mesmo dentro de cada país, a vida que levam milhões de miseráveis no Brasil, só com licença literária ou transformismo jurídico liberal, pode ser identificada com a vida que levamos nós. Só a relação com o conhecimento, com a cultura, com a informação, com a linguagem já nos remete para dois seres sociais de natureza qualitativamente diferente. Basta ver o que se chama processo de aprendizagem de um jovem pobre da periferia das grandes cidades e aquele de que gozam nossos filhos — que dificilmente poderiam ser abrigados pela mesma categoria de "educação" — para ver como são seres sociais diferentes, preparados para mundos diferentes, sob a cobertura da igualdade jurídica e da desigualdade contingente do mercado, que mal esconde destinos e gêneros radicalmente diferentes.

O momento em que o encontro com um menino negro, de noite, na rua, deixou de ser objeto de compaixão, para suscitar-nos medo, marca uma virada radical na nossa sociabilidade. Os espaços públicos passaram a lugares de perigo, de risco, e não mais de convivência, de identidade, de intercâmbio. A diversidade nos ameaça, ao invés de nos fecundar. Só posso conviver com os iguais. E, para isso, segregar os diferentes. Para o que necessito dos álibis — que, como todos os álibis, têm fundamento real: nesse caso, a segurança pessoal, a integridade física e a proteção do patrimônio.

2. CLARICE GATTO — Michel Foucault, em uma mesa-redonda intitulada "Nietzsche, Freud e Marx", analisa: "parece-me que Marx, Nietzsche e Freud não multiplicaram de forma alguma os símbolos no mundo ocidental. Não deram um sentido novo às coisas que não o tinham. Modificaram, na realidade, a natureza do símbolo e mudaram a forma geralmente usada de interpretar o símbolo." De Marx destaco a noção de "banalidade", recolhida por Foucault, e com "a qual, no princípio de *O capital*, ele explica que, ao contrário de Perseu,

ele tem que fundir-se na bruma para mostrar que de fato não há monstros nem enigmas profundos, porque tudo o que há de profundo no estudo que se faz da burguesia acerca da moeda, do capital, do valor, etc., não é realmente senão uma banalidade".[5]

[5] FOUCAULT. *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosoficum*, p.13.

A banalização é uma das conseqüências inevitáveis do mal-estar na vida cotidiana? O que se banaliza hoje?

EMIR SADER — Um mundo fundado na busca de acumulação de riqueza tende à banalidade, à submissão de tudo ao reino do dinheiro. Em sua fase atual, em que predomina já nem a produção de riquezas para a acumulação de capital, mas a acumulação financeira, que simplesmente redistribui renda de forma regressiva, banalizam-se a especulação, a exclusão social, a polarização entre riqueza e miséria.

O discurso dominante, quando o capitalismo completa a extensão do mercado em escala mundial, é o discurso economicista, aquele que reduz tudo aos equilíbrios monetário e fiscal. Sua lógica é a de passar tudo pelo filtro do que é permitido pela base monetária, pelo equilíbrio das contas públicas, que passa a ditar o que é possível, o que é necessário, o que é bom, etc. Banalizam-se, ao mesmo tempo, a luta pela existência, a busca de sobrevivência às custas dos perdedores, às custas dos direitos, às custas dos valores. Tudo o que é especificamente humano — os valores, a cultura, as identidades — é jogado na fogueira do mercado, da lei da oferta e da procura.

Banaliza-se uma visão da individualidade, que aparece apenas como sujeito na busca de realização material, de satisfação dos desejos materiais.

Banalizar significa conviver com algo como natural, como inevitável, como algo que está para além das nossas possibilidades de transformação ou, então, retirar sua importância, sua transcendência, reduzindo suas proporções e, principalmente, suas dimensões éticas. O banal é o corriqueiro, o sem importância. É aquilo ao que foi reduzido o menino vendendo *drops* na esquina do sinal ou a senhora dormindo no chão das calçadas. A convivência com o abandono de seres humanos só é possível pela sua banalização, assim como os assassinatos por razões menores.

Da mesma forma que tudo é reduzido a mercadoria — o pão e a honra, a produção artística e os corpos nus — tudo se banaliza e tudo é reduzido a coisas sem significado ou cujo significado — que nunca deixa de existir — é ter preço, é ser vendido e comprado.

3. Clarice Gatto — Os agrupamentos humanos servem-se da segregação ou da identificação com o "traço unário", esse modo particular de o eu erigir ideais de pertença ao grupo — conforme a reflexão que Lacan faz a partir do Freud da *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921.[6]

Para a psicanálise será a partir desses traços que se poderá ser duplamente contado: tanto por pertencer como indivíduo a um determinado grupo (família, cultura, etc), quanto pelas diferenças que esses traços lhe conferem em relação com outros grupos, demarcando, assim, suas qualidades eróticas.[7]

Em Freud, encontramos a aproximação entre os sintomas da neurose, a renúncia das satisfações pulsionais e o nascimento, em nossa cultura, da civilidade — entretanto, ele assinala o absurdo de se cumprir à risca esses ideais. Na realidade, a *experiência psicanalítica* o levou a uma outra via — esboçada desde seu *Projeto para uma psicologia*, de 1895: o "enlaçamento" (*Bändigung*[8]) das pulsões — eróticas e destrutivas — como condição de um ardil forjado também na *exigência de trabalho da pulsão* — ético e estético — a cada um no âmbito da cultura.

Lacan, apoiando-se em Marx, trilha "o social" e distingue duas modalidades de laços (sociais): aquela da identificação com o "traço unário" e "um laço social limpo de qualquer necessidade de grupo",[9] fruto do *discurso analítico* cuja experiência remete à *queda*...[10] desse traço unário... e, mais particularmente, "da dependência do sujeito em relação a algo verdadeiramente elementar, e que nós tentamos isolar sob o termo "significante".[11]

Há uma "ascensão do social", escreveu Gilles Deleuze certa vez, característica da modernidade. Apesar da distinção fundamental estabelecida por Marx entre a sociedade e o social, permanece em questão essa problemática. Peço a você que diga algo mais sobre essa distinção.

Emir Sader — Toda determinação é uma negação e, assim, toda afirmação da identidade se faz como afirmação de uma negação — conforme Spinoza no seu *Tratado teológico-político*. Ser branco é ser não-negro, não-amarelo, etc. Do que se trata, numa sociabilidade democrática, é que a diferença não se transforme em desigualdade. Aquela é inerente ao ser humano e a todo ser; esta é produzida socialmente, por relações sociais determinadas, que privilegiam — como no caso de Samuel Huntington — os brancos, ocidentais, protestantes, identificados com a civilização, para, por exclusão, definir "os outros" como "bárbaros".

[6] Freud. Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: Freud *Studienausgabe*, 1994

[7] Soler. Le corps dans l'enseignement de Jacques Lacan. In: *Quarto*, 1984

[8] "Bändigung" foi traduzida para o português por "amansamento", entretanto preferimos traduzi-la por "enlaçamento", porque Band é *laço, fita, vínculo*; e se Bändigung é o amansamento (a domação) de um animal, conserva em alemão — diversamente do português — a referência ao laço; Band remete também ao verbo "binden", atar, ligar, etc. Foi na carta de Freud a Fliess de 21 de setembro de 1897 que pudemos ler essa possibilidade: "Se a gente vê que o inconsciente jamais domina a resistência da consciência, então afunda a expectativa de que o inverso venha a acontecer no tratamento até o completo *enlaçamento* (*Bändigung*) do inconsciente através da consciência." In: *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904*, p.284. Reencontramos esse termo — porém articulado à pulsão — em *O problema econômico do masoquismo* (1924, G.W., p.376), *O enfim e o infinito da análise*, (1937, G.W., p.69), por exemplo. Sendo a *libido* a promotora do enlace!

[9] Lacan. L'Étourdit. In: *Scilicet*, n.4, p.31.

[10] Minha interpretação é que o discurso do analista, formulado por Lacan, engendra a queda

da "articulação significante" (S2 ¬ S1), sendo esse o efeito do produto. A frase "Antes da queda Adão trepava mas não gozava", no *Ulisses* de Joyce, ilustra o "sujeito moral" em Lacan, cujo ato alcança um efeito ao invés de visar um fim. (Cf. também Gerbase, Jairo. Sintoma e tempo: aula de 14 de maio de 1999.)

Um profundo processo de fragmentação social gerou a diferença entre a "sociedade" e o "social". Como diz Renato Janine Ribeiro em *A sociedade contra o social*, o termo "sociedade" fica reservado para a sociedade "constituída", isto é, os distintos setores da elite, que formam a opinião pública, que compartilham o poder e a riqueza. Quando governantes dizem "Vamos ver o que a sociedade pensa", eles pensam na bolsa de valores, na federação das indústrias, na grande imprensa, nos organismos econômicos internacionais. Quando se referem ao "social", é na massa de necessitados, de despossuídos, de excluídos que eles pensam. "Social" ficou reservado para aqueles que estão marginalizados das relações sociais fundamentais.

A visão dominante instaura o que considera ser a fisionomia da sociedade, processo em que a TV Globo tem o papel essencial de instaurar o Brasil no imaginário das pessoas. Um Brasil em que não existe o operário — e, com ele, todo o mundo do trabalho — e, como revelou pesquisa recente publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, a grande maioria das aparições dos negros é em dois personagens típicos — o escravo e a empregada doméstica. Se essa visão pode se defender alegando "realismo", já que é a sorte que está reservada à grande maioria dos negros na nossa sociedade, faltaria o operário, o trabalhador.

A exclusão do mundo do trabalho é providencial para a visão hegemônica, porque o trabalho é o elo entre os mecanismos fundamentais de produção de riqueza e a "questão social". Enquanto esta for reduzida a nichos de pobreza e de miséria, sem articulação com os grandes processos de reprodução social da riqueza, será possível essa distinção entre a sociedade e o social.

[11] Lacan *apud* Foucault. Qu'est-ce qu'un auteur? *Littoral*, n.9, p.31.

4. Clarice Gatto — Em "Nós que amávamos tanto *O capital*", você recorre às reminiscências — designadas também por Freud como "rastros de recordações" (*Erinnerungsspuren*) — e escreve: "Temos plena consciência de que, quando falamos do nosso passado — recente ou longínquo —, estamos falando sobre nosso presente, sobre o lugar e o momento a partir dos quais revisitamos aqueles momentos. Difícil é distinguir uma coisa da outra: o que estava presente naquele passado e o que redescobrimos nele com nosso presente. Estamos, pois, necessariamente condenados à "ótica retrospectiva", o que não nos impede de restaurar as condições daquele passado que, sabemos, é parte integrante deste presente".[12]

[12] Sader. Nós que amávamos tanto *O capital*. *Praga*, n.1, p.73.

Michel Foucault, em sua célebre conferência "O que é um autor" — que contou com a presença de Lacan — situa

Marx e Freud como "instauradores de discursividades". Ele diz: "Não há a menor chance de que a redescoberta de um texto desconhecido de Newton ou de Cantor modifique a cosmologia clássica ou a teoria dos conjuntos, como foram desenvolvidas (no máximo esta exumação seria suscetível de modificar o conhecimento histórico que temos de sua gênese). Em compensação, o reaparecimento de um texto como o *Projeto* de Freud — e à medida mesmo que é um texto de Freud — ameaça sempre modificar, não o conhecimento histórico da psicanálise, mas seu campo teórico — o que só aconteceria deslocando-se-lhe a acentuação ou o centro de gravidade. Através de tais retornos, que fazem parte de sua própria trama, os campos discursivos de que falo comportam, a respeito de seu autor "fundamental" e mediato, uma relação que não é idêntica à relação que um texto qualquer mantém com seu autor imediato."[13]

[13] Foucault. Qu'est-ce qu'un auteur?, p.21.

"A história oficial" e os meios de informação tendem a celebrar a história (*Historische*), hegeliana, como "disciplina do entendimento" e a segregar a história (*Geschichte*), kantiana, como o discurso da razão prática, sobre o sentido necessário. Qual é, afinal, o fim da história?

Emir Sader — No seu sentido geral, a história — já para Marx, em *A ideologia alemã* — era a única ciência humana, no sentido de que os significados das ações humanas não são passíveis de fragmentação, no sentido em que passamos a entender a divisão técnica do trabalho e do conhecimento.

Quanto ao sentido geral da história, ele está ligado, para Marx, à capacidade de trabalho do homem. É nesse sentido que os homens sempre terão história, enquanto os outros animais, não, apenas reproduzem mecanicamente suas condições de existência, no máximo se adaptam vegetativamente às condições naturais de sua existência.

O que ocorre é que o trabalho — elemento diferenciador da natureza humana — fica, no capitalismo, reduzido a meio de sobrevivência, a instrumento de conquista dos meios básicos de reprodução da vida, tornando-se uma "coisa". A reapropriação do homem sobre suas condições de trabalho representa uma virada decisiva para se reapropriar de seu destino, das condições de construção da história.

O "fim da história" de Fukuyama não é uma idéia tão banal assim. Retirada de uma versão bastarda da interpretação de Hegel — via Vladimir Jankelevitch, como está presente em *Os fins da história*, de Perry Anderson —, ela busca afirmar que

o horizonte atual da humanidade está circunscrito aos marcos da democracia liberal e da economia capitalista de mercado. Os dissidentes se situariam aquém desses marcos, no fundamentalismo islâmico, nacionalista, que sequer separa religião e Estado. Não deixaria de haver acontecimentos históricos, mas todos não superariam esse marco.

A superação dessa visão só pode se dar como momento de síntese superior e, portanto, no plano mundial, como visão internacional mais abrangente, que incorpore toda a humanidade, ao contrário da globalização atual, que exclui um continente inteiro, como a África e setores majoritários do Sul do mundo. Somente no plano em que coloca o debate — isto é, no plano mundial — é que se pode contestar a idéia do "fim da história", mesmo se teoricamente sabemos que está na natureza dos seres humanos serem seres históricos.

5. Clarice Gatto — Nessa mesma conferência de Foucault, há uma fala "curtinha", mas preciosa, de Lacan, que encerra o debate, e da qual te peço para comentar o terceiro ponto:
Dr. J. Lacan — Recebi o convite muito tarde. Lendo-o, notei, no último parágrafo, o "retorno a". Retornamos talvez a muitas coisas, mas, enfim, o retorno a Freud é algo que tomei como uma espécie de bandeira, num certo campo, e então só posso agradecer ao senhor, o senhor respondeu exatamente à minha expectativa. Evocando especialmente, a respeito de Freud, o que significa o "retorno a", tudo que o senhor disse me parece, pelo menos sob o olhar da contribuição que pude dar a esse respeito, perfeitamente pertinente.

Em segundo lugar, gostaria de mostrar que, estruturalismo ou não, parece-me que em nenhum momento se trata, no campo vagamente determinado por esta etiqueta, da negação do sujeito. Trata-se da dependência do sujeito, o que é extremamente diferente; e, mais particularmente, no nível do retorno a Freud, da dependência do sujeito em relação a algo verdadeiramente elementar, e que nós tentamos isolar sob o termo "significante".

Em terceiro lugar — limitarei minha intervenção a isso — não considero de modo algum legítimo terem escrito que as estruturas não vão às ruas, pois, se há algo que os acontecimentos de maio demonstram, é precisamente a ida às ruas das estruturas. O fato de o escrevermos no próprio lugar onde se operou essa ida às ruas não prova outra coisa que — simplesmente, o que é muito freqüente, e mesmo o mais freqüente — interno ao que chamamos ato, é que ele próprio se desconhece.[14]

[14] Foucault. Qu'est-ce qu'un auteur?, p.31.

EMIR SADER — Como síntese das características do estruturalismo e do pós-estruturalismo, feitas por Perry Anderson em *Considerações sobre o marxismo ocidental*,[15] estão: história sem sujeitos; estrutura sem história e conhecimento sem verdade. Na realidade, quem vai para a rua são sempre sujeitos, individuais ou coletivos.

[15] ANDERSON. *Considerações sobre o marxismo ocidental*, 1982.

O que significa isso? Que o movimento de 68 era eminentemente libertário, contra a opressão imperialista e contra o caráter autoritário do modelo soviético, assim como todas as formas de dominação, exploração, alienação. Assim, apontavam para o surgimento de novos sujeitos sociais, como as mulheres, os negros, os povos dos países periféricos do capitalismo, sujeitos que não encontram lugar determinado nas estruturas clássicas das relações capital/trabalho, privilegiadas pelas versão estruturalista do marxismo, com o pensamento de Althusser. Para este, os sujeitos sociais seriam apenas "suportes" (*Träger*) das estruturas. Frente à contradição entre forças produtivas e relações de produção e aquela entre as classes, o estruturalismo privilegia a primeira, enquanto as barricadas de 68 destacavam os enfrentamentos de classe, protagonizados por diversas forças sociais.

1968 representou, paradoxalmente, uma rebelião contra o determinismo — da hegemonia imperialista pela força, contestada pelos vietnamitas, e do economicismo soviético, questionado por Cuba — e uma afirmação da subjetividade e, no plano teórico, não o triunfo de Gramsci, de Trotsky, de Sartre, de Marcuse, mas o de Althusser e de todas as variantes do estruturalismo contra o que chamavam de "historicismo". A vitória nas ruas foi contraposta pela vitória no campo teórico, em que as estruturas "se vingaram" dos indivíduos e da história.

Nos anos setenta, triunfaram as distintas versões do estruturalismo e do pós-estruturalismo, enquanto as forças sociais surgidas nos anos sessenta se debilitavam, até a difusão da tese do "fim da história", uma culminação cruel da crítica do "historicismo" por parte dos estruturalistas.

6. CLARICE GATTO — Você está de acordo com uma reflexão muito difundida na atualidade — inclusive entre psicanalistas — de que nesse fim de século "temos a impressão de depressão generalizada" e que isso "corresponde ao fato de não existir uma perspectiva revolucionária"? Não seria um contra-senso afirmarmos que no século da psicanálise "o sonho acabou"?

Emir Sader — Mais duro do que conviver com um mundo imoral, certamente deve ser conviver com esse mundo e não acreditar que ele possa ser mudado. Há uma frase do Brecht, cujo sentido é: nada me incentiva mais do que aquilo que pode ser mudado e nada me desalenta mais do que aquilo que não pode ser mudado. Imagino a depressão que isso pode produzir, conviver com o fatalismo da injustiça, da mercantilização do mundo, da desigualdade e da intolerância.

Uma perspectiva revolucionária hoje significaria a atualização histórica de um projeto de sociedade pós (e anti)-capitalista. Essa perspectiva saiu da agenda, quando o capitalismo reconsolidou sua hegemonia mundial e conseguiu naturalizar-se como sistema aos olhos da grande maioria da humanidade, que passou a situar-se no seu interior, entre um capitalismo de mercado ou um capitalismo regulado, quando todos os países do mundo terminaram optando por recolocar-se dentro do mercado mundial, quando tudo passou a ser pensado nos marcos do liberalismo.

Para este, a humanidade é formada de seres individualmente constituídos, articulados pelo mercado, onde a realização dos desejos e necessidades individuais produziria — quase que magicamente, através da chamada "mão invisível" — uma sociabilidade harmônica. A relação de ruptura entre indivíduo e realidade social é dada e aceita como tal. Ao invés de buscar sua compreensão, dá por ponto de partida uma ruptura que justamente deveria ser objeto de explicação pela teoria, aventura a que se joga a dialética.

Essa "naturalização" operada pelo liberalismo lhe permite promover a idéia de que o capitalismo realiza os anseios "naturais" dos homens e, como tal, constituiria o marco permanente da história humana. Seu questionamento é o grande desafio — teórico e prático — da humanidade e do pensamento crítico contemporâneos.

Enquanto o capitalismo sobreviver, sobreviverá, pelo menos potencialmente, a possibilidade de sua negação e superação. O socialismo é o anticapitalismo, incorpora os avanços materiais do capitalismo, mas se propõe a instaurar uma sociedade qualitativamente diferente — sem exploração, dominação e alienação. Se os sonhos ganham hoje a forma de utopias, é porque o socialismo saiu da pauta histórica atual, com uma reinstauração extensa do capitalismo. Mas hoje os valores humanistas, em todas as suas vertentes, chocam-se com os mecanismos de mercantilização da vida multiplicados como nunca pelo capitalismo. Situar-se na perspectiva da história é situar-se na dinâmica do enfrentamento capitalismo/socialismo.

7. Clarice Gatto — Selamos com *Heteridade* — Revista Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, editada em quatro idiomas: português, francês, espanhol e inglês — a perspectiva de uma Escola de psicanálise mais *poliglota* do que internacional, pois, no final das contas, nos diz Lacan: "nós só temos isso como arma contra o sintoma: o *equívoco*".[16]

[16] Lacan. *Le sinthome*, aula de 18 de novembro de 1976.

Lacan fundou a Escola Freudiana de Paris em 1964, mas foi um crítico assíduo da Associação Internacional de Psicanálise — criada por Freud em 1910 com a intenção de difusão da psicanálise — e da qual foi expulso em 1963, porque queriam lhe fazer calar a leitura particular que apresentava da psicanálise. O "eclipse do saber" — dizia ele — cria dificuldades de se manter acesa a chama do trabalho da psicanálise entre aqueles que reclamam por seu ensino, sua prática e sua novidade.

Na "Abertura" de seus *Escritos*, ele então defende o que sempre professou: "Queremos, com o percurso de que estes textos são as balizas e com o estilo que seu endereçamento comanda, levar o leitor a uma conseqüência em que ele precise colocar algo de si."[17]

[17] Lacan. *Ecrits*, p.10.

O destino de uma outra Internacional, a Socialista, não passou ao largo das críticas de Lacan, sobretudo pela intenção dos governantes de segregarem "os companheiros" a determinadas orientações de leituras. Que destino você vislumbra para os movimentos que almejam essa perspectiva internacional?

Emir Sader — Se foi o capitalismo quem criou os mecanismos econômicos de uma sociedade internacional, o fez assentado na construção de um mercado mundial. Este, centrado nos interesses das grandes corporações econômicas, encontrou forte oposição numa outra concepção do universalismo: o internacionalismo dos trabalhadores, que encontrou na Comuna de Paris de 1871, sua primeira grande manifestação e nas Internacionais (primeira, segunda e terceira), suas expressões orgânicas, espécies de partidos internacionais dos trabalhadores. Houve a divisão do movimento dos trabalhadores com o surgimento da primeira guerra mundial, entre o nacionalismo dos que passaram a monopolizar a expressão "social democracia" e os que passaram a chamar-se de comunistas, que herdavam o internacionalismo abandonado pelos outros.

Atualmente, o capitalismo, sob sua forma neoliberal, volta a estender seu sistema pelo mundo, em uma escala nunca vista anteriormente. As expressões de mal-estar, surgidas à superfície,

em Seattle, em 30 de novembro de 1999, criaram um espaço de protesto e de reivindicação, que se reproduziram de forma cada vez mais ampla a cada tentativa de reunião de organizações como a OMC, o FMI, o Banco Mundial.

Uma diferença importante entre essa forma de internacionalismo e aquelas que existiram anteriormente é que esta não está vinculada a partidos políticos ou forças doutrinárias, mas agrupa os mais diferentes movimentos — femininistas, sindicalistas, ecológicos etc — a partir de suas reivindicações de autonomia e emancipação.

As reuniões do *Fórum Social Mundial*,[18] em Porto Alegre, todos os anos, no mesmo momento em que os representantes das bilionárias fortunas do mundo se reúnem em Davos, agrupam os diferentes diagnósticos e propostas alternativas, que buscam unificar a enorme diversidade de gente e forças descontentes com o processo de mercantilização do mundo levada a cabo pelo capitalismo liberal.

[18] Esse Fórum aconteceu em janeiro de 2001. O Fórum seguinte realizou-se entre os dias 31 de janeiro e 5 de fevereiro de 2002, também em Porto Alegre (Brasil).

Esse processo só pode transformar-se em uma força vitoriosa, que instaure um mundo solidário e humanista, se os homens conseguirem se reapropriar de suas condições — materiais e espirituais — de existência. Nesse processo, a psicanálise ocupa um lugar fundamental como instrumento de reapropriação da consciência de si mesmo, de desmistificação de múltiplas formas de opressão, social e psíquica. O caráter revolucionário do pensamento freudiano, colocado a serviço do amplo movimento de desalienação da massa da humanidade, sem a mínima consciência de si, e menos ainda de suas possibilidades de libertação e emancipação, encontra apoio na teoria que desvenda os profundos e complexos mecanismos criados pelos homens, a respeito dos quais ele perde completamente o controle e dos quais mesmo, ao contrário, se torna escravo.

O futuro imediato é muito difícil, porque, embora, desde Seattle, tenha mudado o clima internacional, isso não alterou em nada o movimento concreto de liberalização econômica e de hegemonia do capital financeiro (95% das trocas hoje no mundo são de caráter financeiro), e a ideologia neoliberal ainda não encontra um movimento internacional que se contraponha a ela. Mas esperemos que os Fóruns a se realizarem anualmente, em Porto Alegre, possam representar um acúmulo de forças, uma mostra dos avanços existentes na construção daquilo que eles anunciam no tema do próximo encontro: "Um outro mundo é possível e necessário."

Rio de Janeiro, dezembro de 2000.

referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ANDERSON, Perry. *Os fins da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosoficum*. Porto: Anagrama, 1980.

FOUCAULT, Michel Qu'est-ce qu'un auteur? *Littoral*. Paris, n.9, 1983. (Conferência pronunciada na "Sociedade Francesa de Filosofia" em Paris em 22 de fevereiro de 1969.)

FREUD, Sigmund. Massenpsychologie und Ich-Analyse. *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. v.IX.

FREUD, Sigmund. Totem und Tabu. *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. v.IX.

FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. v.IX.

GERBASE, Jairo. Sintoma e tempo: aula de 14 de maio de 1999. Disponível em: http://www.campopsicanalitico.com.br . Acesso em: 10 de julho de 2002.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LACAN, Jacques. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *Le sinthome*. Paris: Association Freudienne Internationale, aula de 18 de novembro de 1976.

LACAN, Jacques. L'Étourdit. *Scilicet*. Paris, n.4, 1973.

RIBEIRO, Renato Janine. *A sociedade contra o social*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SADER, Emir. Nós que amávamos tanto *O capital*. *Praga*. São Paulo, n.1, set./dez. 1996.

SOLER, Colette. Le corps dans l'enseignement de Jacques Lacan. *Quarto*. Bruxelas, n.16, 1984.